

Apresentação

“Vamos fazê-la!”¹, ordena, entusiasmado, o presidente Getúlio Vargas diante da maquete do projeto do prolongamento da Avenida do Mangue apresentada na Feira de Amostras de 1938. Uma proposta acalentada desde a transferência da Corte portuguesa para a capital da colônia, no início do século XIX, quando sanear e transpor as terras alagadiças do Mangal de São Diogo tornam-se demandas prementes. Sob o traçado único da atual Avenida Presidente Vargas repousam camadas de propostas, de caminhos e avenidas abrangendo partes ou toda a extensão desta via; e de questões relativas tanto aos antecedentes quanto à implantação do projeto da Avenida e seus desdobramentos.

Ao buscarmos desvelar aspectos ainda pouco analisados das camadas que estruturam a história urbana desta avenida de grande importância para a cidade do Rio de Janeiro, assumimos o desafio de transpor para o papel análises desta intervenção urbanística e nos dissemos entusiasmados: Vamos escrevê-la!

As questões abordadas nos artigos que compõem este dossiê são apresentadas a seguir de forma sintética, em três tópicos: A Avenida, em que destacamos a Avenida Presidente Vargas e sua inscrição em uma história das avenidas; As avenidas, no qual sobressaem os aspectos relacionados às múltiplas camadas da Avenida; e Da Avenida, dedicado ao papel das imagens para a compreensão da construção histórica da Avenida.

A Avenida

A Avenida Presidente Vargas atravessa a área central da cidade do Rio de Janeiro no sentido leste/oeste, percorrendo seis bairros ao longo de 4,4km, ligando dois pontos da Baía de Guanabara – o Cais dos Mineiros e o Canal do Mangue² – aos subúrbios da cidade. Arquiteturas, espaços livres e renitentes vazios urbanos, representativos de vários momentos da história urbana carioca, pontuam a avenida, conferindo-lhe um ritmo característico no qual ambiências urbanas de já reconhecida significação cultural se alternam com outras, mais recentes, marcadamente anódinas. A cisão espacial realizada na área central por esta drástica cirurgia urbana é reforçada pelas intervenções viárias promovidas após a abertura da avenida e pode ser lida nos distintos setores internos e externos que organiza. A notável centralidade urbana e metropolitana exercida pela Avenida relaciona-se, sobretudo, à sua valorização como eixo viário. Um processo que a distancia da concepção das avenidas bulevares, associadas ao ir e vir do flunar, e a aproxima das vias arteriais, dominadas pelo grande fluxo de automóveis e transportes públicos, nas quais os pedestres não se demoram.

Esta Avenida que começa na primeira rua aberta na várzea no período colonial, a Rua Direita, atual rua Primeiro de Março, termina logo após o Trevo das Forças Armadas,

na Avenida Presidente Castelo Branco (Avenida Radial Oeste) que segue em direção aos subúrbios. É interessante observar que, ao contrário da Avenida Rio Branco (1905), que pode ser considerada, no momento da inauguração, como uma exposição da linguagem eclética e de uma dinâmica social que emergiam naquele período, a Avenida Presidente Vargas (1944) nunca chega a se constituir como uma avenida moderna, mesmo que conte com belos exemplares da arquitetura moderna e que seja contemporânea ao atual Palácio Capanema (1937-1945), ícone urbano da modernidade do século XX (Segre, 2013).

A intervenção urbana inaugurada em 1944 atinge as quadras localizadas entre a Praça XI (a oeste), a Avenida Rio Branco (a leste), as ruas General Câmara e Visconde de Itaúna (ao sul), e as ruas São Pedro e Senador Euzébio (ao norte), promovendo conexões e desconexões com o tecido urbano dessa área. Por um lado, a Avenida conecta o antigo núcleo urbano à *Cidade Nova*, sua área de expansão imediata no século XIX. Por outro lado, cinde, espacialmente, a área central em duas metades: a norte, dominada por uma pequena sucessão de morros e a região portuária; e a sul, desguarnecida dos morros que a separavam do valorizado vetor de expansão sul da cidade. As intervenções urbanísticas executadas posteriormente, bem como a normativa urbanística a elas associada, só vem reforçar esta cisão. No expressivo mosaico de tecidos urbanos produzido por esta avenida em permanente construção se desenvolvem práticas socioespaciais definidoras das territorialidades observadas na Avenida.

Como todo projeto urbano, as avenidas vão se consolidando à medida que vão sendo apropriadas pelas práticas cotidianas e incorporadas ao imaginário urbano. Contar a história de uma avenida requer, portanto, que se investigue uma pletera de aspectos relacionados que reforçam a multidisciplinaridade do campo do urbanismo. Desvelar criticamente as contradições que animam as camadas históricas que estruturam a Avenida é o objetivo dos artigos apresentados neste dossiê.

As avenidas

Os artigos apresentados trazem à luz aspectos ainda inéditos sobre a Avenida Presidente Vargas. A investigação das múltiplas camadas que configuram a Avenida analisa os projetos concebidos para este traçado desde o século XIX até os dias atuais. Esta revisão historiográfica abarca os projetos que antecedem a abertura da avenida que varreu do mapa os quarteirões localizados entre as ruas General Câmara e São Pedro; os discursos, estratégias institucionais e de financiamento que a viabilizaram; os “vazios esvaziados” e as marcas deixadas pelos projetos não implementados até uma análise do seu patrimônio cultural.

São olhares que nos fazem perceber que a história urbana da Avenida Presidente Vargas precede sua inauguração, há setenta anos, e ultrapassa sua dimensão material. Os seis artigos que compõem este dossiê expressam e valorizam esta multiplicidade de

olhares sobre fatos que, muitas vezes, se repetem; afinal, todos têm como objeto a mesma avenida. No primeiro artigo, buscamos situar a abertura da Avenida Presidente Vargas, seus desdobramentos e contrapontos, no contexto da história das avenidas que se insinua na leitura dinâmica dos usos e significados que a palavra “avenida” assume na modernidade. Na sequência, Priscilla Peixoto demonstra como as raízes da Avenida Presidente Vargas se entrelaçam com os primórdios do pensamento urbanístico no Brasil e Evelyn Furquim o papel central que os discursos exercem na definição das narrativas da avenida como teatro do poder e território de diferentes grupos sociais. A análise das estratégias institucionais e legais de financiamento da abertura da Avenida, apresentada por Fernanda Furtado e Vera Rezende, traz contribuições originais não apenas para a compreensão da história da Avenida, mas também para o debate atual sobre intervenções urbanas. Andréa Sampaio destaca o papel que projetos e normas implementadas, e não implementadas, mas que deixam rastros, desempenham na configuração espacial da Avenida e do seu patrimônio urbanístico. O quadro elaborado por Guilherme Meirelles relativo à normativa urbanística e patrimonial que salvaguarda o patrimônio arquitetônico e urbanístico da Avenida, por sua vez, encerra o dossiê sublinhando a importância de elaborar novos estudos, lançar novos olhares sobre o tema.

Esta breve síntese dos textos que compõem o dossiê certamente não faz jus às contribuições que trazem, sendo mais um aperitivo das análises que apresentam do processo de concepção e implantação da Avenida Presidente Vargas. Uma história em construção.

Da Avenida

Antes de passar aos artigos, é vital assinalar a importância das imagens e da valiosa documentação disponível no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ), que fazem dessa instituição um local privilegiado da memória do fazer urbanístico desta cidade e para a reconstrução da história urbana da Avenida Presidente Vargas.

Uma história urbana que conta, desde o final dos anos 1970, com a participação do edifício- sede do AGCRJ em sua paisagem urbana. Tal qual uma ostra, esta edificação cerrada ao exterior e de dimensões modestas para o importante acervo que abriga, se destaca em seu ambiente urbano pelo contraste que estabelece com as edificações que a ladeiam, o Instituto de Atenção Social São Francisco de Assis (HESFA), localizado na mesma quadra, e a sede dos Correios e Telégrafos, que ocupa integralmente a quadra vizinha. Enquanto o HESFA se constitui em um marco histórico da ocupação da área ao se instalar na recém-aberta Avenida do Mangue, em 1876, as edificações mais recentes reforçam a predominância do uso institucional neste trecho da Cidade Nova às margens do Canal do Mangue.

As imagens que apresentamos a seguir trazem aspectos comuns a todos os textos sem que se sobreponham às imagens e aos mapas específicos de cada artigo. Elas se iniciam

com um mapa marcando a localização das ruas, os nomes e lugares citados amiúde nos artigos e apresenta imagens que capturam olhares ainda pouco conhecidos da construção histórica da Avenida Presidente Vargas. Imagens possibilitadas pela consolidação da fotografia e do cinema como instrumentos de documentação visual da vida urbana no período compreendido entre a abertura da Avenida do Mangue (1858) e a da Avenida Presidente Vargas (1944). Elas são um pequeno aperitivo a estes artigos. Vamos a elas!

Andréa de Lacerda Pessoa Borde
Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Recebido em 10/05/2016

Aprovado em 19/06/2016

Notas

¹ Segundo Oliveira Reis (1977, p.111), assim teria se dirigido o presidente, sorrindo, ao prefeito e ao Secretário de Viação: “Vamos fazê-la!”.

² O Canal do Mangue interliga as avenidas Presidente Vargas e Francisco Bicalho à Baía de Guanabara. A realização desta obra de infraestrutura urbana começou a ser empreendida pelo Barão de Mauá nos anos 1850 interessado em instalar a Fabrica de Gás nos terrenos ainda

pouco ocupados da extensa área de mangue que se estendia da foz do Rio Comprido até a área conhecida, posteriormente, como Praça XI. No início do século XX, o Prefeito Pereira Passos abriu a Avenida Francisco Bicalho nos moldes da Avenida do Mangue, prolongando o Canal até os lados de São Cristóvão e Praia Formosa, na Baía de Guanabara, a fim de estabelecer uma faixa de portuária desde a Praça Mauá à Praia do Caju.

Referências Bibliográficas

BORDE, Andréa de L.P. **Vazios Urbanos: Perspectivas contemporâneas**. 2006. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB/FAU/UFRJ). Rio de Janeiro, dezembro de 2006.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. **Avenida Presidente Vargas: uma drástica cirurgia**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

REIS, José de O. **O Rio de Janeiro e seus prefeitos**. Rio de Janeiro: DGPC, 1977.

SEGRE, Roberto. **Ministério da Educação e Saúde: ícone urbano da modernidade brasileira**. São Paulo: Romano Guerra, 2013.